

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**O PAPEL DA VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE NA
TRANSFERÊNCIA DOS COMPONENTES DE
VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA**

Filipa Alexandra da Costa Riço Calado

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Psicologia Clínica Dinâmica)**

2008

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**O PAPEL DA VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE NA
TRANSFERÊNCIA DOS COMPONENTES DE
VINCULAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA**

Filipa Alexandra da Costa Riço Calado

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Psicologia Clínica Dinâmica)**

Dissertação orientada pelo:
Professor Doutor João Manuel Monteiro da Silva Moreira

2008

Índice

1 - Resumo.....	2
2 - Introdução.....	3
3 – Método.....	15
3.1. – Sujeitos.....	15
3.2. – Medidas.....	16
3.3. – Procedimento.....	18
4 - Resultados.....	19
5 – Discussão.....	27
6 – Bibliografia.....	36

1 - Resumo

Este trabalho procura avaliar o efeito diferencial das vinculações à mãe e ao pai no processo de transferência das funções de vinculação para os pares, ocorrido na adolescência. Testou-se a hipótese que uma vinculação segura ao pai, que na infância incentiva os filhos na abertura a novas experiências, estava associada a uma maior transferência da procura de proximidade, primeiro comportamento a ser desenvolvido num contexto de uma relação de vinculação, motivado por necessidades exploratórias e afiliativas em relação aos pares. Paralelamente, procurou-se testar a hipótese que uma vinculação segura à mãe, que segundo a literatura promove o desenvolvimento da empatia, estaria associada a um maior uso do par como uma base segura, comportamento que marca a formação de completos laços vinculatórios. Com o propósito de testar estas hipóteses, foi construído um questionário, Questionário de Índice de Transferência de Componentes de Vinculação (QITCV), com o intuito de medir o grau com que as funções vinculatórias eram deslocadas para os pares, tendo também sido usado o Inventário de Vinculação para Pais e Pares (IPPA), para medir a segurança da vinculação ao pai e à mãe. Verificou-se que as hipóteses não foram confirmadas, parecendo que o pai tem uma maior influência na transferência dos componentes vinculatórios. Os resultados indicaram igualmente que as funções vinculatórias são transferidas dos pais para os pares num processo que começa com a procura de proximidade, porto de abrigo, base segura e protesto de separação. As implicações clínicas destes resultados são discutidas.

Palavras chave: vinculação à mãe, vinculação ao pai, adolescência, transferência

Abstract

This article aims to study the differential effect of mother and father attachment relationships in attachment functions' transfer from parents to peers, which occurs in adolescence. We tested the hypothesis that a secure attachment to father, which promotes openness to the new experiences and risk-taking in childhood, was associated to the proximity seeking transfer, the first behaviour to be developed during an attachment bond formation, motivated by exploratory and affiliative needs towards peers. We also tested the hypothesis that a secure attachment to mother, due to its dyadic and close nature in childhood would be associated to the use of a peer as a secure base, which is the true marker of attachment bonds. A new questionnaire was constructed to measure the extent to which subjects transfer the attachment functions to peers, the Questionnaire of the Extent of Attachment Functions Transfer (QITCV) and the Inventory of Parents and Peers Attachment (IPPA) was used to measure the security of attachment to mother and father. The hypotheses were not confirmed and the results indicated that the father has a major influence on attachment functions transfer. The results also revealed that attachment will be transferred from parents to peers in a sequence which goes through with proximity seeking, safe haven, secure base and separation protest. Clinical implications of these findings are further discussed.

Key words: attachment to mother, attachment to father, transfer, adolescence

2 - Introdução

“Aquilo que é pensado como sendo essencial para a saúde mental é que a criança deve experimentar uma calorosa, íntima e contínua relação com a sua mãe (ou um substituto permanente) em que ambos encontrem satisfação e alegria”

Bowlby, 1969, p. 12

2.1 - O Sistema de Vinculação

Hoje em dia não há qualquer dúvida que o ser humano procura desde o início de vida estabelecer um vínculo com um adulto. A vinculação, que pode ser definida como a relação privilegiada que a criança estabelece com a figura materna (ou um substituto), desenvolve-se de acordo com uma capacidade de procura de relação, pela criança, e da capacidade de resposta relacional adequada pelo cuidador principal (Matos, 2005).

Bowlby (1969) observou que interrupções na relação mãe-criança são precursoras de uma posterior psicopatologia, aparecendo um padrão de respostas em crianças quando separadas da mãe: protesto de separação, seguido de desespero e depois desligamento, em que as crianças se tornam menos expressivas emocionalmente, notando-se uma falta de alegria e de entusiasmo. Todas estas observações demonstram como as crianças experimentam as separações com as mães como uma ameaça fundamental ao seu bem-estar (Kobak, 1999), e de como as relações de vinculação assumem uma importância fundamental na vida psíquica da criança.

Assim, a vinculação resulta de um desejo biologicamente determinado de proximidade (Bowlby, 1969). Para Ainsworth (citada por Bowlby, 1969), o comportamento de vinculação proporciona uma vantagem adaptativa, uma vez que a relação de uma criança com a mãe aumenta a proximidade com um adulto, o que por sua vez favorece a probabilidade de protecção e sobrevivência. Assim, os teóricos da vinculação postularam-na como um sistema comportamental interno envolvido em proteger as crianças do perigo e em maximizar uma exploração segura, através de uma regulação de proximidade com um cuidador (Hazan & Zeifman, 1994).

De facto, existem muitos benefícios resultantes da proximidade com um progenitor e que incluem alimentação, aprendizagem sobre o ambiente, interacção social e acima de tudo protecção (Cassidy, 1999), tal como já foi referido. Devido à função de protecção, as crianças teriam uma propensão para procurar os pais em momentos de stress.

As relações de vinculação, que apresentam características diferentes das relações sociais, são definidas em termos de quatro componentes: procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura, sendo estes componentes observáveis no comportamento das crianças em relação aos seus cuidadores. Na verdade, podemos dizer que o comportamento de vinculação está presente quando a criança não apenas reconhece a sua mãe, mas também quando se comporta para manter a proximidade com ela (Bowlby, 1969). A procura de proximidade pode ser vista numa criança quando esta chora com o intuito de procurar contacto com a mãe, podendo alcançar o mesmo objectivo num estágio posterior de desenvolvimento através do gatinhar, andar ou correr (Cassidy, 1999). O porto de abrigo está patente quando as crianças retornam à figura de vinculação para procurar apoio e segurança sempre que uma ameaça é percebida, usando desta forma o cuidador como fonte de conforto quando perturbados (Madigan, et. al, 2006). O protesto de separação pode ser visto durante as reclamações que se seguem à separação com a figura de vinculação (Kobak, 1999) e a base segura é observada através de pequenas incursões da criança, com o intuito de explorar outros objectos e pessoas na presença da mãe, usando deste modo esta última como uma base segura a partir do qual pode descobrir o mundo (Ainsworth, 1967, citada por Bowlby, 1969). Nestas pequenas explorações efectuadas pela criança, notam-se regressos periódicos para junto da mãe, a fim de recuperar a sensação de segurança e assegurar a sua acessibilidade. Conforme descreveu M. Mahler na sua teoria sobre o processo de individuação, o comportamento de exploração alterna com o comportamento de procura de proximidade, sendo que a criança responde de uma forma flexível a uma situação específica depois de avaliar quer as características do ambiente, quer a disponibilidade do cuidador. Assim, quando o sistema de vinculação é activado (pela separação da figura do cuidador, fadiga, doença, pessoas não familiares à volta, entre outras), a exploração e o brincar da criança declina. Conversamente, quando o sistema de vinculação está pouco activado (quando uma criança saudável se encontra em ambiente confortável na presença de um cuidador), a exploração aumenta de intensidade. Para

Bowlby, o importante não seria apenas a presença física do cuidador, mas a crença da criança que esta figura estaria presente quando fosse necessário.

2.2 - Hierarquia de figuras de vinculação

Bowlby referiu que as crianças têm mais do que uma figura à qual se podem vincular e para as quais direccionam os comportamentos de vinculação acima mencionados, embora estas figuras não sejam tratadas da mesma maneira. Ainsworth (cit. por Bowlby, 1969), no seu estudo com crianças Ganda observou que elas tendem a focar a maioria dos seus comportamentos de vinculação numa pessoa especial, sendo as várias figuras de vinculação arranjadas segundo uma ordem hierárquica. De acordo com a mesma autora, que observou igualmente crianças escocesas, a mãe é quase sempre a principal figura de vinculação escolhida pelas crianças. De facto, é possível verificar que aos quatro meses, a criança responde diferentemente à mãe, quando comparada com outras pessoas, sendo que a criança lhe irá sorrir e vocalizar mais prontamente durante mais tempo do que o faz com outras pessoas (Bowlby, 1969). Assim, a primeira figura de vinculação eleita pela criança é na maioria das vezes a mãe (ou uma mãe substituta), tendo por isso a maioria dos estudos sobre vinculação sido efectuados através da observação da díade mãe-filho. De facto, a relação que uma criança estabelece com a mãe, sendo a primeira relação formada por um indivíduo, é determinante para a saúde mental da criança (Bowlby, 1969). Na verdade, a maioria da investigação sobre as relações de vinculação centraram-se no estudo da natureza da relação mãe-criança e no seu impacto no desenvolvimento subsequente dos filhos (e. g. Cassidy & Shaver, 1999), existindo um menor corpo de pesquisa dedicado aos antecedentes e consequências da vinculação pai-criança.

Todavia, nas últimas décadas houve uma tentativa para contrariar esta última tendência, assistindo-se a um aumento da investigação incorporando a relação com o pai, bem como a sua importância no desenvolvimento psicossocial dos seus filhos (e. g. Paquette, 2004; Verschueren & Marcoen, 1999; Tamis-LeMonda, 2004).

2.3 - Funções desempenhadas pelos pais

É sabido que os papéis paternos variaram grandemente ao longo do tempo e culturas, sendo que em muitas culturas o pai proporciona pouco ou nenhum cuidado aos seus filhos. Tamis-LeMonda (2004) salienta a importância nos seres humanos de contribuições mais indirectas do investimento paternal no desenvolvimento e saúde das

crianças, como a provisão de recursos financeiros que permitem assegurar mais alimentos, a manutenção de uma casa e viver em melhores bairros, que por sua vez promove resultados favoráveis nos filhos. Além disso, o pai tem um papel importante no fornecimento de apoio emocional à mãe que interage com a criança.

Contudo, para além desta contribuição mais indirecta, os pais podem também desempenhar um papel mais específico e directo com os seus filhos, sendo também capazes de fornecer um cuidado sensível e responsivo às suas crianças (Paquette, 2004). De facto, a entrada das mulheres no mundo do trabalho e as importantes mudanças na estrutura familiar que daí decorreram transformaram os papéis parentais, passando a haver uma maior divisão das tarefas de cuidado das crianças. Assim, nas sociedades actuais, tanto a mãe como o pai tendem a prestar apoio emocional e supervisão parental, bem como a desempenharem brincadeiras com os seus filhos (Paquette, 2004).

Na verdade, numerosos estudos têm demonstrado os efeitos de uma estrutura familiar caracterizada por uma ausência, ou por uma presença intermitente do pai no desenvolvimento de alguns problemas de adaptação social nas crianças. Por exemplo, Justo (2000) salienta que raparigas que crescem sem um pai (porque ele se foi embora ou morreu), ou então que vivem com um pai que não desempenha as suas funções de uma forma estimulante, apresentam uma maior probabilidade de engravidarem. Segundo este autor, a gravidez pode ser encarada como um mecanismo psicológico de “acting-out” ou passagem ao acto como forma de ultrapassar uma carência objectal masculina, num contexto onde as relações familiares são deficitárias do ponto de vista do progenitor masculino. Belsky, Steinberg e Draper (1991) hipotetizaram que a falta da figura paterna durante a infância cria um contexto familiar adverso que induz na criança a expectativa de que as relações interpessoais são pouco confiáveis e de curta duração, o que irá fomentar o desenvolvimento de uma sexualidade precoce e a formação de laços vinculatorios instáveis com os parceiros, orientados numa estratégia reprodutiva a curto termo. Para estes autores, o afastamento do pai do sistema familiar e as experiências que daí decorrem, moldam a estratégia reprodutiva de um indivíduo, que é consistente com o ambiente familiar no qual foram educados. Também Mandara (2006) num estudo com adolescentes afro-americanos, observou que a ausência do pai constituía o maior preditor do consumo de drogas nos rapazes, mesmo quando eram controlados outros factores como o estatuto socio-económico da família, práticas parentais e grau de uso de drogas pelos pares. Deste modo, é possível verificar que a ausência do pai afecta o desenvolvimento psicológico e social dos seus filhos, mostrando assim a importância

que esta figura assume no funcionamento psíquico dos mesmos. Assim, torna-se imperativa uma revisão da investigação referentes à relação pai-criança e das características desta interacção, a fim de compreender os processos pelos quais a figura paterna exerce influência no desenvolvimento cognitivo e social dos filhos.

2.4 - Características da interacções materna e paterna

As evidências disponíveis sugerem algumas diferenças nas interacções materna e paterna. Paquette (2004), considera que a função do pai inclui abrir a criança ao mundo. Esta função, que constitui parte integrante da teoria psicanalítica, postula que o pai surge como um elemento que permite à criança sair da relação fusional que até então mantém com a mãe. Esta função do pai, que medeia a transição da criança de uma relação fusional e diádica para uma relação triádica, assume uma grande importância à luz do mundo social complexo dos seres humanos, e das numerosas lições que a criança deve aprender com o intuito de se adaptar ao seu ambiente, caracterizado por relações em que nunca existe uma exclusividade entre duas pessoas, mesmo nas relações mais íntimas. Assim, esta separação entre a mãe e a criança, mediada pela figura paterna, constitui uma função fundamental na promoção do desenvolvimento emocional das crianças (Paquette, 2004).

Para além desta disparidade enunciada entre as funções materna e paterna, muitos estudos registaram outras diferenças nas interacções estabelecidas entre os dois progenitores e os seus filhos. Lamb et. al (1983) concluíram que os pais e as mães se comportam de formas caracteristicamente diferentes, apesar do envolvimento de ambos no cuidado das crianças. Segundo este autor, as mães tendem mais a segurar, sorrir e vocalizar, envolvendo-se em jogos mais convencionais, enquanto que os pais interagem mais frequentemente para brincar, realizando diversões mais vigorosas e estimulantes, como jogos pouco convencionais. Clarke-Stewart (1978) observou que as mães desempenham mais actividades de cuidado dos seus filhos, como alimentar, dar banho, acalmar quando choram, sendo também mais interactivas em tarefas de verbalização, e os pais realizam brincadeiras mais breves na sua duração e mais fisicamente envolventes, não mediadas por um brinquedo. Também Paquette (2004) defende que os pais são mais físicos do que as mães nas interacções que desenvolvem com os seus filhos, referindo que as brincadeiras normalmente desempenhadas pelos pais incluem formas bem conhecidas que envolvem contacto físico, como balançar a criança nos joelhos, brincar ao “cavalo”, fazer cócegas, entre outros.

Assim, uma importante diferença seria que o pai tenderia mais a excitar os seus filhos e a mãe tenderia mais a contê-los. Na verdade, a mãe é percebida pelos seus filhos como fontes de bem-estar e segurança e o pai como um companheiro predilecto de brincadeiras, devotando mais tempo para brincar com as crianças do que as mães (Paquette, 2004).

Também Dickson et. al (1997), num estudo de carácter naturalista onde filmaram pais a interagirem com os seus filhos, concluíram que os sorrisos básicos, caracterizados por uma ligeira subida do canto do lábio sem nenhum levantamento das bochechas, são mais frequentes nas diádes pai-filho, enquanto que nas interacções mãe-filho ocorrem mais frequentemente os sorrisos caracterizados por uma elevação do canto da boca e das bochechas. Para estes autores, a explicação para tais diferenças reside na forma como os pais interagem com as suas crianças. De facto, as mães realizam brincadeiras mais convencionais e os pais efectuem brincadeiras mais idiossincráticas e imprevisíveis, constituindo tarefas mais exigentes e que requerem uma maior atenção, demonstrando as crianças nestas situações sorrisos mais básicos, que permitem uma maior concentração na actividade, uma vez que não ocorre nenhum levantamento das bochechas e, deste modo nenhuma interferência na visão da criança.

Para além de tudo o que já foi enunciado, a função de abrir a criança ao mundo é também mediada pela linguagem. Deste modo, Frascarolo (2004) constatou que os pais requerem mais frequentemente clarificações, usam mais interrogações não específicas e incentivam as crianças a atingirem por elas mesmas elevados níveis de sucesso. Também Vandell (1979) observou que as mães usam significativamente mais comentários vocais e demonstram um afecto mais positivo, enquanto que os pais usam significativamente mais a forma imperativa de fazer pedidos, ao invés de sugestões proferidas pela mãe.

Também no período escolar continuam a registar-se diferenças nas interacções materna e paterna. De facto, Russell e Russell (1987), num estudo com crianças com idades entre os 6 e os 7 anos, verificaram que as mães interagem mais com as crianças e eram mais directivas, enquanto que os pais interagem mais frequentemente no contexto de brincar, à semelhança dos estudos efectuados para idades mais precoces. Também Bronstein (1984), num estudo com famílias mexicanas, observou que as mães desempenham mais atitudes de cuidado e protecção, como oferecer comida à criança e mostrar preocupação pela sua segurança, e os pais apresentavam interacções mais

cooperativas e participativas, fornecendo mais informação, explicações e instruções nas actividades que mantinham com os seus filhos.

Deste modo, o pai e a mãe representam assim diferentes tipos de experiências para as crianças (Lamb, 1975), sendo o pai tão bom no cuidado dos filhos como a mãe.

2.5 - Sistema de Vinculação com o pai

Estas diferenças nos estilos parentais que, como consequência, fomentam diferentes reacções da criança para com a mãe e com o pai podem ser interpretadas no contexto do desenvolvimento de uma relação de vinculação. Na verdade, apesar das diferentes interacções mantidas com os dois progenitores, existe um grande consenso que as crianças formam relações de vinculação com ambos os pais, embora antes dos 2 anos a mãe constitua o alvo predilecto de interacção da criança (Clarke-Stewart, 1978).

Todavia, muitas são as evidências que, utilizando o procedimento da situação estranha com os pais (e. g. Van Ijzendoorn & de Wolff, 1997), registaram uma fraca associação entre a sensibilidade paterna durante o primeiro ano de vida e a qualidade da relação de vinculação com o pai, contrariamente ao que sucede com as díades mãe-filho, sugerindo assim que a criança desenvolve tipos diferentes de vinculação com cada um dos pais. De facto, a maioria dos estudos têm demonstrado uma falta de previsão pela vinculação com o pai, avaliada pelo procedimento da situação estranha, no comportamento subsequente das crianças, (demonstrando que a vinculação com o pai é mais complexa do que o esperado), o que torna necessário explorar outras medidas que tomem em conta os papéis desempenhados especificamente pelos pais (Paquette, 2004). Na verdade, tal como já foi referido, existem diferenças essenciais que as crianças experimentam na sua relação com o pai, quando comparado com a mãe, sendo que uma dessas diferenças constitui o que Paquette (2004) denominou como relação de activação para designar o vínculo que possibilita a criança abrir-se ao mundo. De acordo com este autor, ao invés da vinculação com a mãe, que permite a criança ser acalmada, a relação de activação com o pai satisfaz a necessidade da criança de ser estimulada, de passar limites e aprender a enfrentar desafios em contextos onde a criança está protegida de potenciais perigos. A teoria de vinculação postula a vinculação e a exploração como dois sistemas complementares, sendo que a criança necessita tanto de receber cuidado dos adultos, como necessita de ser estimulada e excitada. De acordo com Bowlby (1969), existem duas variáveis que influenciam a capacidade ulterior do indivíduo para construir laços afectivos, que constituem, respectivamente, o grau em que os pais de

uma criança lhe fornecem uma base segura, e também o grau em que a encorajam a explorar o mundo a partir deles. Deste modo, tendo em conta este ponto de vista, o progenitor do sexo masculino desempenha um papel saliente no apoio do lado exploratório da criança.

De facto, Grossmann et. al (2002), num estudo longitudinal, verificaram que a sensibilidade e a responsividade dos pais do sexo masculino durante o brincar era um melhor preditor das representações de vinculação da criança a longo prazo, demonstrando assim que o apoio que estes progenitores oferecem durante a exploração da criança constitui uma parte importante do sistema de vinculação com o pai, tal como a sensibilidade maternal em tarefas de cuidado constitui uma parte essencial do sistema de vinculação com a mãe. Deste modo, o brincar sensível e interactivo deve ser visto como uma avaliação essencial da relação com o pai, sendo que vinculação pai-filho é desenvolvida primariamente através da interacção física. O procedimento da situação estranha permanece pouco adequado relativamente ao progenitor do sexo masculino, uma vez que este método não captura as qualidades específicas desta relação, ao enfatizar apenas as respostas das crianças à separação (Grossmann et. al, 2002).

Deste modo, apesar de um menor corpo de pesquisa relativa ao pai comparativamente à mãe, as evidências disponíveis indicam que as crianças formam também um vínculo emocional com este progenitor e, que esta ligação assume uma importância fundamental no desenvolvimento posterior. Numerosos estudos demonstram o impacto da relação com o pai no desenvolvimento socio-emocional dos seus filhos. Frascarolo (2004) verificou que os filhos de pais empenhados no cuidado dos seus filhos eram globalmente mais sociáveis com estranhos do que os filhos de pais pouco envolvidos. Pederson e Robson (1969 citados por Brown et. al., 2007) concluíram que os pais mais envolvidos tinham filhos que davam cumprimentos mais entusiásticos. Magill-Evans e Harrison (2001) mostraram que os pais activos na educação dos seus filhos apresentam expectativas mais elevadas para a participação social das crianças, e incentivam mais os seus filhos para situações de interacção. Lamb et. al (1983) atestaram que as crianças com uma vinculação segura ao pai eram mais sociáveis com estranhos, sendo que esta relação não foi encontrada para a segurança da vinculação com a mãe. Assim, as evidências disponíveis parecem indicar que uma vinculação segura ao pai está relacionada com o desenvolvimento de competências sociais, sendo que a vinculação segura à mãe, que satisfaz a necessidade da criança ser acalmada e cuidada, parece estar mais associada a contextos relacionais mais próximos

e diádicos. Na verdade, Park e Waters (1989), num estudo com crianças em idade pré-escolar, concluíram que uma boa vinculação com a mãe estava relacionada com funcionamento harmonioso entre pares de melhores amigos, sendo que as crianças seguramente vinculadas às suas mães eram mais harmoniosas, menos controladoras e mais responsivas com os seus melhores amigos do que aquelas que apresentavam uma vinculação insegura.

Também Verschueren e Marcoen (1999), numa investigação com crianças em idade escolar, verificaram que uma vinculação segura ao pai estava mais associada a uma maior capacidade de relacionamento entre pares, sendo que uma vinculação segura à mãe estava associada a uma maior habilidade de relacionamento íntimo.

2.6 - Vinculação para além da infância

Similarmente, na adolescência, período caracterizado por uma intenção em estabelecer uma maior independência relativamente aos cuidadores primários, a fim de adquirir maiores níveis de autonomia e diferenciação (Allen & Land, 1999), existem dados que comprovam relações entre a vinculação aos dois pais e as interações estabelecidas com os pares, mostrando que a vinculação com os progenitores assume também uma importância crítica nesta fase da vida. Na verdade, nesta etapa do desenvolvimento, o apoio e disponibilidade dos pais constitui uma base sólida para a exploração de interações com os pares. Calado e Carvalho (2007), verificaram que uma vinculação segura ao pai estava correlacionada significativamente com a proximidade aos pares nos adolescentes de 17 e 18 anos e uma vinculação segura à mãe estava correlacionada com a proximidade ao namorado, embora esta última não atingisse a significância estatística. Também Black (2002) concluiu que os adolescentes mais comunicativos e apoiantes com os seus melhores amigos tinham mães mais comunicativas com eles próprios.

Deste modo, à semelhança do período da infância, também na adolescência os dois progenitores representam experiências qualitativamente diferentes. De acordo com Larose e Boivin (1998), a vinculação com a mãe é percebida pelos adolescentes como mais segura e afectiva, onde confiam mais para confidenciar os seus problemas íntimos, sendo esta relação um melhor contexto para o desenvolvimento da empatia. Por outro lado, a relação com o pai tem como principal objectivo servir actividades mais instrumentais, sendo um contexto para o desenvolvimento de aspirações profissionais e pessoais.

Desta maneira, segundo as evidências disponíveis, uma vinculação segura à mãe parece estar relacionada com a formação de relações diádicas, caracterizadas pela proximidade e intimidade fornecedoras de empatia e conforto emocional, sendo que uma vinculação segura ao pai aparenta estar associada com a exploração de um grupo e ao desenvolvimento de situações de interação com estranhos, provedoras de estimulação e prazer. Assim, é possível especular que uma boa vinculação à figura materna permite a constituição de laços afetivos de vinculação com outros significativos, qualificados como fontes de apoio.

De facto, na adolescência a busca pela autonomia cria uma saudável pressão para a utilização dos pares como fontes preferenciais de apoio emocional, notando-se uma reorientação para estes últimos de aspectos da procura de suporte, similares aos comportamentos de porto de abrigo dirigidos aos pais durante a infância (Hazan & Zeifman, 1999). Na verdade, Bowlby (1979), sublinhou a importância da vinculação como um fenómeno que ocorre ao longo de todo o ciclo de vida, sendo parte integral do comportamento humano desde o berço até à sepultura. Todavia, apesar das características e funções das relações de vinculação permanecerem as mesmas na infância e adolescência, existem também algumas diferenças nos vínculos formados nestes dois períodos de vida. Para Weiss (1982, citado por Hazan & Zeifman, 1994) uma das mais significativas mudanças normativas ocorridas diz respeito à mutualidade das vinculações. Na infância, as relações de vinculação são assimétricas e complementares, uma vez que as crianças procuram segurança dos seus cuidadores, embora não proporcionem em troca qualquer tipo de cuidados. Em contraste, na adolescência e vida adulta, as relações caracterizam-se como mais simétricas e recíprocas, onde cada membro da díade serve quer como uma fonte, quer como fornecedor de apoio e segurança emocional, sendo estas relações primariamente formadas com parceiros sexuais. Na verdade, no curso do desenvolvimento normativo, o sexo desenvolve uma relação estreita com o sistema de vinculação, em que o protótipo de um laço recíproco de vinculação envolve a integração de três sistemas comportamentais, o sistema de vinculação, cuidado e sexual (Hazan & Zeifman, 1994).

Para uma melhor compreensão da transferência das vinculações complementares com os pais para as vinculações recíprocas com os pares, que constitui a grande transição para a vida adulta, torna-se necessário a análise deste laço sócio-emocional ao nível dos seus componentes. Tal como já foi referido anteriormente, os laços para serem considerados completos de relações de vinculação devem apresentar quatro

componentes definidores, isto é, a procura de proximidade, o porto de abrigo, o protesto de separação e a base segura por vários autores (Bowlby 1969, Hazan & Zeifman, 1994). Na adolescência, observam-se mudanças desenvolvimentais no alvo dos diferentes comportamentos de vinculação, sendo que alguns dos componentes de vinculação são transferidos dos pais para os pares (Hazan & Zeifman, 1999). Contudo, a natureza e o *timing* desta transferência, bem como os processos envolvidos, não são facilmente delineados. Hazan e Zeifman (1994), ao estudarem a transferência dos componentes de vinculação, verificaram que a procura de proximidade está mais presente para os pares desde os 6 anos de idade, preferindo assim os participantes passarem o seu tempo na companhia dos amigos ao invés dos pais. No tocante ao porto de abrigo, ocorreu uma marcada mudança entre as idades de 8 e 14 anos, em que os amigos são preferidos aos pais como fontes de conforto e segurança emocional. No que diz respeito ao protesto de separação e base segura, apenas no final da adolescência (entre os 15 e 17 anos) estes componentes foram transferidos para os amigos, sendo que até este período os pais continuam a servir como bases seguras e alvos de protesto de separação. Todavia, as autoras verificaram que uma pequena minoria destes adolescentes mais velhos (apenas 41%), transfere estes dois componentes, formando deste modo completas relações de vinculação com os pares. Ainda neste estudo, dos 41% que consideraram um par como figura primária de vinculação, 83% nomearam um parceiro romântico.

Também Friedlmeier e Granqvist (2006), num estudo longitudinal com adolescentes, verificaram que as funções de vinculação são transferidas das figuras dos pais para os pares segundo uma sequência em que os componentes são transferidos passo a passo. A maioria dos adolescentes (90%) dirigia para os pares o componente procura de proximidade, entre 40 e 60% usavam também os pares para a função de porto de abrigo, sendo que 54 a 75% dos adolescentes usavam ainda os pais como fontes de base segura. Todavia, os seus resultados não confirmam o modelo de transferência proposto por Hazan e Zeifman (1994), pois muitos adolescentes tinham transferido a base segura para os pares enquanto a função de porto de abrigo estava ainda direccionada para os pais. Também segundo os resultados desta investigação, uma história de vinculação com a mãe, percebida como insegura, e não com o pai, estava associada a uma elevada transferência para os pares.

Assim, a história de vinculação com os dois progenitores parece afectar a transferência das funções vinculatórias dos cuidadores da infância para os pares,

nomeadamente o parceiro amoroso. Larose e Boivin (1998) concluíram que os adolescentes que percebem uma vinculação segura a ambos os pais apresentam expectativas mais elevadas de apoio pelos pares, sendo que a vinculação com as figuras primárias da infância serve como uma base segura a partir do qual podem explorar o mundo social. Na verdade, a visão das relações de vinculação com os dois pais constitui o *background* do processo de transferência, permitindo prever a introdução dos amigos na hierarquia de vinculação (Nickerson & Nagle, 2005).

2.7 - O presente estudo

O presente estudo procura clarificar as dinâmicas do processo de transferência para os pares e compreender a sua associação com a segurança percebida para cada uma das figuras primárias de vinculação, isto é, perceber qual o efeito diferencial das relações materna e paterna, e que representaram diferentes tipos de experiências, para a formação das relações recíprocas na adolescência. Deste modo, o primeiro objectivo consistiu em averiguar a natureza do processo de transferência dos componentes, procurando replicar os modelos propostos na literatura (e. g. Hazan & Zeifman, 1994), segundo o qual as funções de vinculação são transferidas dos pais para os pares ao longo do tempo e segundo um processo passo a passo, pela ordem de procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura. O segundo objectivo consistiu em testar o impacto da vinculação com o pai, que na infância assume a função de abrir a criança ao mundo e de estimulá-la para a interacção, na transferência dos comportamentos iniciais de uma relação de vinculação, isto é, na função de procura de proximidade para os pares, mais relacionada com a exploração do grupo. O terceiro objectivo dizia respeito à clarificação do efeito da vinculação com a mãe, que favorece o desenvolvimento das competências necessárias numa relação íntima, na transferência dos comportamentos finais caracterizadores de uma relação de vinculação, nomeadamente o uso dos pares como base segura e, consequentemente na formação de completos laços vincutórios com figuras extra-familiares. Relacionado com este último objectivo, pretendeu-se averiguar se os adolescentes e jovens adultos envolvidos em relações românticas apresentavam uma maior transferência das funções vincutórias para os pares comparativamente aos adolescentes que não estavam envolvidos.

Assim, as hipóteses formuladas e que se pretende serem testadas nesta investigação são:

1. A transferência dos componentes de vinculação é um processo que ocorre dos pais para os pares ao longo do tempo e, logicamente os adolescentes mais novos apresentam um índice menor de transferência que os adolescentes mais velhos;
2. As funções de vinculação são transferidas componente a componente ao longo do tempo, segundo a ordem procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura;
3. Os adolescentes envolvidos em relações românticas irão mostrar um índice de transferência mais elevado para os pares, comparativamente aos que não estão numa relação romântica.
4. Os adolescentes mais novos (com idades de 15 e 16 anos) que apresentem uma vinculação segura ao pai irão transferir mais rapidamente as funções vinculatórias iniciais, ou seja, o componente procura de proximidade;
5. Os adolescentes mais velhos e jovens adultos (com idades entre os 18 e 24 anos) que apresentem uma vinculação segura à mãe irão transferir mais rapidamente para os pares os componentes finais de vinculação, nomeadamente a base segura e, deste modo formarem completas relações de vinculação;

Para testar estas hipóteses recorreu-se a dois instrumentos: *Questionário de Índice de Transferência de Componentes de Vinculação (QITCV)* e *The Inventory of Parents and Peers Attachment (IPPA)*.

Relativamente ao QITCV, este foi um questionário construído para este estudo e que tem como propósito avaliar o grau de transferência das funções vinculatórias para outras figuras fora do contexto familiar. Este instrumento solicita aos participantes que, numa escala de Likert de 7 pontos, assinalem o grau com que transferem as quatro funções vinculatórias de procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura para os pares. Além disso, é também pedido para nomearem se responderam relativamente ao namorado ou melhor amigo. Com este questionário, é obtido o grau em que as quatro funções vinculatórias são transferidas para figuras extra familiares, sendo possível também averiguar em qual destas figuras mencionadas ocorre uma maior deslocação dos componentes de vinculação.

No que concerne ao IPPA, este é um instrumento que permite medir a segurança dos sujeitos aos pais e também aos amigos, embora o questionário relativo a estes últimos não tenha sido utilizado em virtude de não ser do âmbito desta investigação.

3 - Método

3.1 - Sujeitos

A presente amostra é constituída por um conjunto de 100 adolescentes e jovens adultos (60 raparigas e 40 rapazes), tendo contudo sido eliminados um total de 22 participantes, em virtude dos questionários não estarem válidos, por não estarem completamente preenchidos, ou por conterem várias respostas seleccionadas relativamente ao mesmo item, revelando uma não discriminação do mesmo e um padrão de respostas ao acaso. As idades dos sujeitos oscilavam entre os 15 e 24 anos, com uma média de 17,8 anos e um desvio padrão de 2,3.

Os sujeitos eram predominantemente portugueses (99%) e apenas 1 sujeito apresentava nacionalidade angolana.

Os participantes da amostra eram na sua maioria pertencentes a um estrato social médio (59%), sendo que uma percentagem mais reduzida declarou ser da classe média alta (30%) e apenas um pequeno grupo de sujeitos (11%) pertencia a uma classe média baixa.

No que diz respeito à afiliação religiosa, 66% dos participantes eram católicos e 32% considerou não ter nenhuma religião. Os restantes 2% da amostra declararam pertencer a uma outra afiliação cristã.

Dos sujeitos que participaram neste estudo, 42% estavam envolvidos numa relação amorosa no momento da recolha de dados, 51% estiveram envolvidos em uma relação romântica no passado e 6% nunca tinham tido uma relação amorosa.

No que diz respeito à caracterização do agregado familiar, 75% dos sujeitos viviam com o pai e a mãe, 16% apenas com a mãe e 3% vivia com o pai. Dos restantes membros da amostra, 1% viviam sozinhos e 5% viviam com outras pessoas, amigos ou companheiro amoroso.

3.2 - Medidas

1) *Questionário Demográfico*

Este constituía o primeiro questionário a ser respondido pelos sujeitos, que tinha como objectivo recolher informações sobre as características sócio – demográficas dos sujeitos da amostra. Nesta medida, os sujeitos eram indagados acerca da idade, sexo, estatuto relacional, nível sócio-económico, afiliação religiosa, afiliação étnica, composição do agregado familiar, entre outros.

2) *Questionário do Índice de Transferência de Componentes de Vinculação (QITCV)*

Este segundo questionário, foi criado com o intuito de medir o grau de transferência dos componentes de vinculação dos pais para outras figuras extra-familiares, amigos ou namorado. Para a construção deste questionário, foram operacionalizados os quatro componentes de vinculação, isto é, a procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura propostos por Hazan e Zeifman (1994), e que são considerados os componentes definidores de uma relação de vinculação. Assim, para cada componente, foram construídos sete itens, baseados na descrição existente de cada um destes componentes na literatura. (e.g. Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997), perfazendo um total de 28 itens. Cada item deste novo questionário era classificado pelos sujeitos segundo uma escala Likert de 7 pontos, sendo que 1 significava “Sinto [o conteúdo deste item] apenas em relação aos meus pais” (Ver anexo I) e 7 “Sinto [o conteúdo deste item] apenas em relação a outra pessoa” (Ver anexo I). Este instrumento apresenta algumas diferenças comparativamente a outros questionários anteriores de avaliação da transferência das funções vinculatórias (ANQ de Trinke & Bartholomew, 1997), uma vez que não procura identificar a figura alvo dos comportamentos vinculatórios, tendo como principal objectivo avaliar directamente o grau de transferência destes comportamentos dos pais para os pares. Neste questionário, para além da resposta aos itens, os sujeitos eram também solicitados a assinalar a figura de vinculação extra-familiar, melhor amigo ou namorado, em relação à qual respondiam ao questionário.

Com o propósito de avaliar a validade preditiva deste novo instrumento, foi efectuada uma análise factorial, onde foram extraídos 3 factores seguindo o critério do teste do cotovelo, ao invés dos 4 factores pensados originalmente e correspondentes aos

quatro componentes de vinculação propostos na literatura e já enunciados anteriormente. A análise factorial exploratória foi conduzida segundo o método de extracção de componentes principais com rotação Varimax. Através deste procedimento, o primeiro factor era constituído por 6 itens inicialmente formulados para operacionalizar o componente porto de abrigo e pelos 7 itens formulados para operacionalizar a base segura, que apresentavam uma saturação superior a .5. O segundo factor era constituído por 4 itens formulados para operacionalizar o componente procura de proximidade, sendo que três itens tiveram uma saturação maior noutro factor. O terceiro e último factor, era constituído por 5 itens formulados para operacionalizar o componente protesto de separação, tendo sido dois itens eliminados por apresentar uma saturação maior noutro factor. Assim, é possível verificar que, pelo procedimento da análise factorial, foram extraídos 3 factores: o porto de abrigo misturado com a base segura, procura de proximidade e o protesto de separação. O facto da base segura e do porto de abrigo aparecerem no mesmo factor, é consistente com investigações anteriores relativas ao tema de vinculação, que referem dificuldades na distinção dos dois componentes (Crowell & Waters, 1994). Contudo, com o intuito de manter a consistência com a formulação teórica e literatura anterior que preconiza quatro funções vinculatórias (Hazan & Zeifman, 1994) considerou-se o questionário com quatro subescalas respeitantes aos quatro componentes.

Para avaliar a consistência interna do instrumento, procedeu-se ao cálculo da precisão. Assim, para o presente questionário foi calculado o alfa de Cronbach para cada uma das 4 subescalas referentes a cada um dos componentes de vinculação, tendo sido encontrada uma considerável consistência interna para cada subescala. Para a subescala procura de proximidade, o alfa encontrado foi .87, para a subescala porto de abrigo o alfa foi .86, tendo sido excluído o item 20, por fazer descer o valor do alfa, para a subescala protesto de separação foi de .90, tendo sido eliminado o item 4, e para a subescala base segura o alfa encontrado foi de .88.

3) The Inventory of Parents and Peers Attachment (IPPA)

Este segundo questionário, o Inventário de Vinculação para os Pais e Pares (IPPA) foi desenvolvido por Armsden e Greenberg (1987), tendo sido traduzido pelo Professor Manuel Geada, da Universidade de Lisboa. Esta medida tem como finalidade avaliar os níveis de segurança percebidos pelos adolescentes e jovens adultos relativamente aos seus pais e pares. Este instrumento é constituído por 75 itens divididos em três

secções compostas por 25 afirmações, referentes à vinculação com a mãe, pai e amigos, tendo sido esta última eliminada em virtude de não fazer parte dos objectivos da presente investigação. Os itens do instrumento são classificados segundo uma escala Likert de 5 pontos, variando desde 1 (quase nunca ou nunca) e 5 (quase sempre ou sempre). Para além das escalas já referidas, os itens originais do instrumento são compostos por escalas de Comunicação, Confiança e Alienação, derivadas de uma análise factorial efectuada por Armsden e Greenberg (1987). Especificamente, os itens da confiança referem o grau de uma compreensão e respeito mútuo (“os meus pais respeitam os meus sentimentos”); os itens da comunicação avaliam a extensão da comunicação falada (costumo falar com os meus pais dos meus problemas ou complicações”); os itens da alienação dizem respeito à raiva e ao isolamento (“os meus pais não compreendem o que é a minha vida”). Armsden e Greenberg (1987) demonstraram que as escalas deste instrumento estavam intercorrelacionadas e registaram uma precisão teste-reteste de três semanas de .93 e .86 respectivamente para os pais e para os pares.

Especificamente para este estudo o alfa de Cronbach obtido para a relação com a mãe foi consideravelmente elevado, tendo sido de .93, bem como para a relação com o pai, onde o valor encontrado foi de .94. Para a subescala que avalia a vinculação à mãe, o valor observado para a confiança foi de .90, para a comunicação foi de .68 e para a alienação foi de .78. No tocante à vinculação com o pai, o valor obtido para a confiança foi de .93, para a comunicação foi de .56 e para a alienação foi de .74.

3.3 - Procedimento

As aplicações dos questionários ocorreram em duas escolas públicas, num colégio privado, num centro de formação profissional e também numa faculdade, estando todos estes locais situados em Lisboa. Os referidos locais foram escolhidos em virtude de cumprirem as características estabelecidas para a amostra. As aplicações foram efectuadas em 5 turmas do 10º ao 12º ano, numa turma de um curso profissional e também numa turma do 3ºano de um curso superior.

Primeiramente, foi realizado um telefonema para cada um dos locais de aplicação, onde se apresentou os propósitos da investigação e depois se obteve a respectiva autorização para a recolha dos dados.

A aplicação dos instrumentos decorreu colectivamente, durante o período de aulas, gentilmente cedido pelos professores, demorando em média cerca de 40 minutos. Inicialmente, explicitava-se brevemente, aos participantes os objectivos da investigação, que pretendia estudar a conexão entre a relação com o pai e a mãe e a relação com os amigos e namorado. Seguidamente, solicitava-se a sua colaboração no preenchimento dos questionários, sendo também salientado que a participação no estudo era voluntária e não relacionada com a instituição, e que quem não quisesse colaborar era livre de o fazer, sem que isso lhe trouxesse quaisquer consequências negativas. No final da explicação, era também referido que todas as respostas eram confidenciais e anónimas, e que poderiam pedir ajuda sempre que tivessem alguma dúvida.

4 - Resultados

Primeiramente, importou analisar descritivamente os dados. Assim, 35% dos sujeitos referiram o namorado como a figura extra-familiar para a qual transferiam as funções vinculatórias anteriormente direccionadas para os pais e 65% dos sujeitos mencionaram o melhor amigo.

No que diz respeito à média da deslocação dos componentes de vinculação dos pais para os pares, o Quadro 1 indica as médias apresentadas por cada componente de vinculação.

Quadro 1 – Médias e desvios-padrão da transferência das funções vinculatórias

	Procura de Proximidade	Porto de Abrigo	Protesto de Separação	Base Segura
Média	19.54	21.67	14.96	26.46
Desvio-padrão	4.67	5.38	4.61	6.36

Para melhor caracterizar o processo de transferência das funções vinculatórias dos pais para os pares, foram criadas quatro novas variáveis dicotómicas, designadas respectivamente como procura de proximidade transferida, porto de abrigo transferido, protesto de separação transferido e base segura transferida. Cada variável dicotómica foi obtida considerando-se que os participantes tinham transferido cada componente

vinculatório para os pares se apresentavam um resultado médio superior a 4, valor a partir do qual se considerava que se sentia aquele item igualmente em relação a outra figura (Ver anexo I). Para se auferir o valor de cada variável, multiplicou-se o valor 4 pelo número de itens que compunham cada componente. Assim, utilizando este procedimento, verificou-se que 75% dos sujeitos tinham transferido o componente procura de proximidade para os pares, 70% tinham transferido o componente porto de abrigo, 38% o componente protesto de separação e 66% tinham transferido o componente da base segura.

Com o intuito de averiguar se a transferência das funções de vinculação varia com a idade, foi realizada uma correlação entre os quatro componentes e a idade

Quadro 2 – Correlações entre a idade e os quatro componentes de vinculação

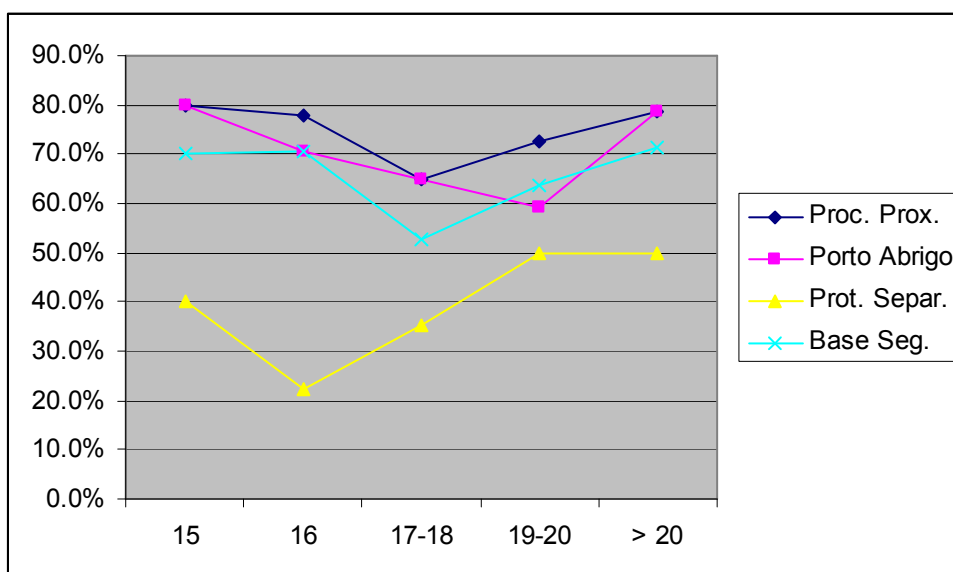
	Geral	Rapazes	Raparigas
Procura Proximidade	.13	.28*	.02
Porto Abrigo	.01	.25	-.14
Base Segura	.05	.34*	-.13
Protesto Separação	.15	.39**	.01

* $p < .05$, ** $p < .01$

Conforme é possível constatar pelo Quadro 2, não se verifica nenhuma correlação significativa para a generalidade da amostra entre as quatro funções de vinculação e a idade. Todavia, nota-se uma correlação significativa para os rapazes entre a idade e os componentes vinculatórios procura de proximidade, base segura e protesto de separação, algo que não sucede com o grupo das raparigas.

No que toca à distribuição dos componentes por faixa etária, o Gráfico 1 revela que, para a globalidade dos sujeitos da amostra, existe uma distribuição equilibrada por entre as várias idades, não parecendo haver um aumento na transferência dos quatro componentes à medida que a idade vai progredindo.

Gráfico 1 – Percentagem de componentes transferidos por grupo etário



Analisando o Gráfico 1, verifica-se que o componente procura de proximidade constitui a função vinculatória mais transferida para os pares em todas as idades, excepto aos 15 anos, em que apresenta o mesmo valor que o porto de abrigo. Este último aparenta ser a segunda função mais transferida, e a base segura constitui o terceiro componente a ser dirigido para os pares, apesar de nalguns grupos etários estas duas funções assumirem valores muito próximos. O protesto de separação, em todas as faixas etárias, é o último componente a ser transferido nas idades, sugerindo ser a função vinculatória que sofre um maior acréscimo ao longo da idade, apesar da quebra verificada aos 16 anos.

Para avaliar se a média da transferência era mais elevada nos sujeitos envolvidos em relações românticas e se havia diferenças entre sexos, foi efectuada uma MANOVA, sendo que as variáveis dependentes correspondiam aos quatro componentes vinculatorios e as variáveis independentes consistiam na figura nomeada no questionário, namorado ou melhor amigo, e no sexo, masculino ou feminino. Destas, a única variável com um efeito significativo foi a figura nomeada, $F(4, 93) = 6.19, p < .0005$. Os efeitos para o sexo, $F(4, 93) = .57, p < .683$ e para a interacção do sexo com a figura mencionada $F(4, 93) = .82, p < .518$ não atingiram a significância estatística.

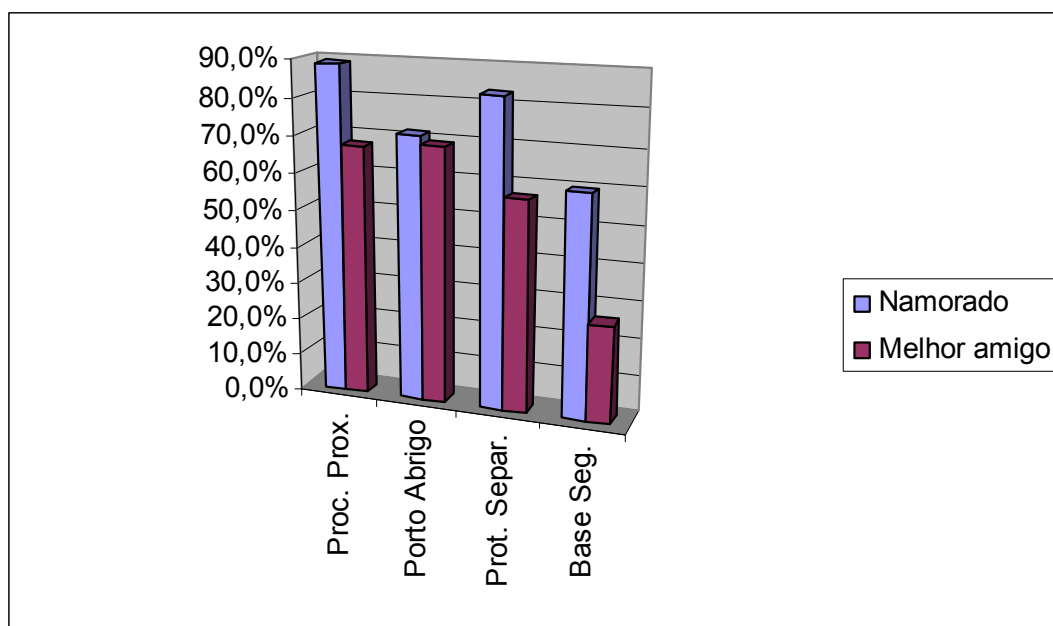
Quadro 3 – Média da transferência de cada função vinculatória por figura extra-familiar nomeada

	Namorado/a		Melhor Amigo		F	Sig.
	M	DP	M	DP		
Proc. Prox.	36.91	6.68	30.74	6.66	17.77	.00
Porto Abrig	27.43	5.95	25.45	6.40	2.05	.16
Prot. Separ.	26.11	5.65	21.45	6.56	13.02	.00
Base segura	33.74	5.69	29.08	7.40	10.34	.002

Analisando o Quadro 3, verifica-se que a média da transferência dos componentes vinculatorios é significativamente mais elevada para o namorado, com exceção do porto de abrigo que não atinge a significância estatística.

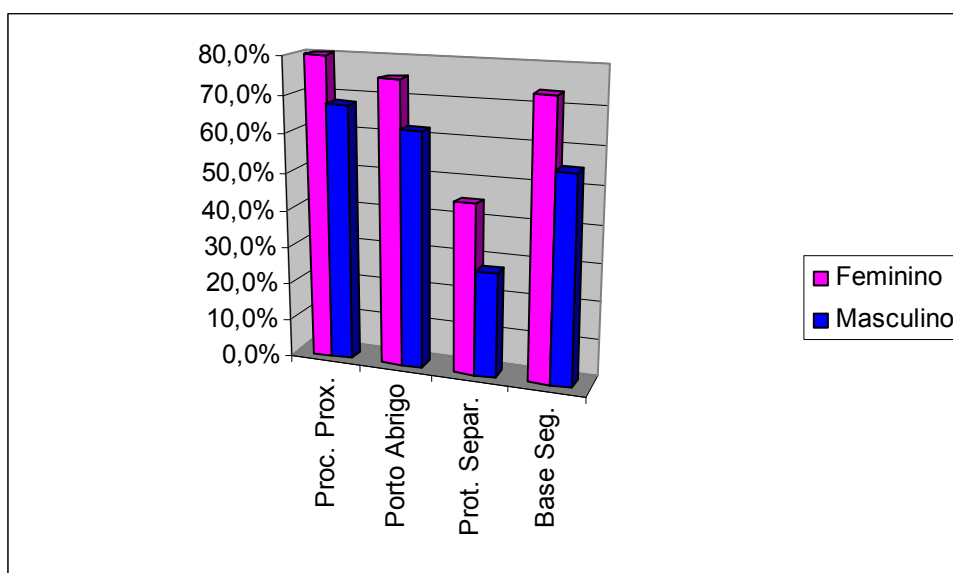
No tocante ao grau de transferência dos quatro componentes de vinculação relativamente à figura extra-familiar à qual respondem, o Gráfico 2 indica que existe uma distribuição equitativa do componente porto de abrigo, o que não sucede com os outros componentes, tal como já tinha sido verificado pela MANOVA.

Gráfico 2 – Percentagem de pessoas que transferiram os componentes de vinculação relativamente às duas figuras extra familiares nomeadas



No que diz respeito à distribuição dos quatro componentes transferidos por sexo, verifica-se uma maior frequência dos componentes transferidos para o sexo feminino, conforme é possível constatar pelo Gráfico 3, apesar de as diferenças não terem surgido como significativas na MANOVA.

Gráfico 3 – Percentagem dos quatro componentes transferidos por sexo



Com o intuito de testar a relação entre a segurança da vinculação aos dois pais e a transferência das funções de vinculação, efectuou-se uma correlação de Pearson entre os quatro componentes de vinculação (medidos pelo QITCV) com a segurança da vinculação à mãe e ao pai (medida pelo IPPA).

Quadro 4 – Correlações obtidas entre a vinculação ao pai e mãe e os quatro componentes vinculatorios para a totalidade da amostra

	Procura de Proximidade	Porto de Abrigo	Protesto de Separação	Base Segura
Vinc. Mãe	.11	-.14	-.04	-.08
Vinc. Pai	-.12	-.22*	-.19*	-.21*

* $p < .05$, ** $p < .01$

Assim, para a globalidade da amostra, notou-se uma correlação negativa significativa entre a vinculação ao pai e o componente porto de abrigo, o componente protesto de separação e base segura. No que concerne à correlação entre a segurança da

vinculação com o pai e o componente procura de proximidade, verificou-se uma correlação negativa não significativa. Estas correlações para a vinculação com o pai não vão ao encontro das hipóteses aventadas.

No tocante à correlação entre a vinculação com a mãe e o componente base segura, esta assumiu um valor negativo, apesar de não atingir a significância estatística; entre a vinculação à mãe e o componente protesto de separação notou-se uma correlação negativa não significativa. Entre a vinculação à mãe e o componente procura de proximidade atingiu uma correlação positiva, sem ser estatisticamente significativa, sendo que entre o porto de abrigo e a vinculação com a mãe apresentou uma correlação negativa não significativa. Os valores das correlações relativas ao porto de abrigo, protesto de separação base segura, ainda que não significativos, vão no sentido contrário ao das hipóteses.

A fim de averiguar se existem diferenças entre os dois sexos nas correlações entre as funções de vinculação e a segurança da vinculação aos cuidadores primários da infância, estas foram separadamente realizadas para o grupo das raparigas e dos rapazes.

Ao examinar o Quadro 5, constata-se, para a sub-amostra das raparigas, correlações significativas entre a segurança da vinculação à mãe e os componentes porto de abrigo e base segura, sendo que para a procura de proximidade e protesto de separação os valores não atingem a significância estatística. No que concerne à vinculação com o pai, constata-se uma correlação negativa significativa para todas as funções vinculatórias, assumindo o porto de abrigo, protesto de separação e base segura valores significativos.

Quadro 5 – Correlações obtidas entre a vinculação ao pai e mãe e os quatro componentes vinculatórios para o grupo das raparigas

	Procura de Proximidade	Porto de Abrigo	Protesto de Separação	Base Segura
Vinc. Mãe	-.03	-.33**	-.18	-.29*
Vinc. Pai	-.16	-.36**	-.23*	-.30*

* $p < .05$, ** $p < .01$

Conforme é possível constatar pelo Quadro 6, não se verificam correlações significativas nos rapazes entre a segurança da vinculação ao pai e à mãe e o grau de transferência dos componentes de vinculação, contrariamente ao que sucede com as raparigas.

Quadro 6 – Correlações obtidas entre a vinculação ao pai e mãe e os quatro componentes de vinculação nos rapazes

	Procura de Proximidade	Porto de Abrigo	Protesto de Separação	Base Segura
Vinc. Mãe	.14	.04	.01	.08
Vinc. Pai	-.04	-.02	-.13	-.08

* $p < .05$, ** $p < .01$

A fim de averiguar se esta relação entre a segurança da vinculação às figuras materna e paterna e a transferência das quatro funções vinculatórias é influenciada pela idade, isto é, se existe um efeito diferencial da segurança da vinculação ao pai e à mãe consoante o grupo etário dos sujeitos, foi efectuada uma regressão linear para cada um dos quatro componentes, que constituíam as variáveis dependentes. Para cada componente foi efectuada uma regressão, sendo que para calcular a transferência de cada função de vinculação, foram colocados primeiramente como preditores a idade, a segurança da vinculação com a mãe e a segurança da vinculação com o pai, sendo estas as variáveis independentes. Num segundo modelo de regressão, colocou-se como preditores a idade, a segurança da vinculação ao pai, a segurança da vinculação à mãe, e duas novas variáveis constituídas, respectivamente pela vinculação materna e vinculação paterna em interacção com a idade. Esta nova variável de interacção era o resultado da multiplicação da vinculação à mãe (e ao pai) pela idade, sendo que o produto das duas variáveis representa o efeito da interacção, tal como foi demonstrado por Cohen (1978). O Quadro 7 mostra a variância explicada e a sua significância para cada modelo de regressão, sendo que os efeitos principais correspondem ao primeiro modelo de regressão e as interacções ao segundo modelo, já explicados anteriormente.

Quadro 7 – Regressões dos quatro componentes para a totalidade da amostra

	Efeitos Principais			Interacções		
	ΔR^2	$F \Delta R^2$	$Sig \Delta R^2$	ΔR^2	$F \Delta R^2$	$Sig \Delta R^2$
Procura Prox.	.06	2.23	.09	.02	.89	.41
Porto Abrigo	.05	1.70	.17	.004	.02	.80
Protesto Sep.	.07	2.51	.06	.03	2.60	.08
Base Segura	.05	1.79	.15	.02	.83	.44

* $p < .05$, ** $p < .01$

Tal como é possível aferir pelo Quadro 7, não se encontra nenhum modelo de regressão significativo para prever cada um dos quatro componentes vinculatorios, para a totalidade dos sujeitos da amostra. Todavia, para a função vinculatoria protesto de separação, verificam-se valores de $p = .064$ e $p = .080$, e para a procura de proximidade nota-se um valor $p = .09$, que estão muito próximos da significância estatística, pelo que se considerou pertinente uma análise dos coeficientes do componente de vinculação protesto de separação (Quadro 8), e procura de proximidade (Quadro 9) uma vez que é sabido que é difícil que os efeitos de interacção atinjam a significância em estudos com variáveis contínuas (McClelland & Judd, 1993).

Quadro 8 – Coeficientes de regressão para a previsão do componente protesto de separação

	B	t	Sig.
Idade	-1.51	-.84	.40
Segurança Mãe	.36	1.14	.26
Segurança Pai	-.81	-2.54	.01*
Id. X Segur. Mãe	-.02	-1,00	.32
Id. X Segur. Pai	.04	2.27	.02*

* $p < .05$, ** $p < .01$

Posteriormente, é possível construir a equação do segundo modelo de regressão para a previsão da variável protesto de separação, apenas para a vinculação com o pai, uma vez que foi esta que assumiu um valor significativo. Esta equação permitir-nos-á compreender melhor o efeito da interação encontrado.

$PrS = \text{constante} + \text{Idade} \times B1 + \text{Seg. pai} \times B2 + \text{Idade} \times \text{Seg. pai} \times B3$, sendo PrS o valor do protesto de separação

Colocando os valores dos coeficientes,

$$PrS = 53.05 + (\text{Idade} \times 1.51) + (\text{Seg. pai} \times -.81) + (\text{Idade} \times \text{Seg. pai} \times .040),$$

Substituindo a Idade por 15 anos, a equação toma a seguinte forma

$$PrS = 53.05 + (15 \times -1.51) + (\text{Seg. pai} \times -.81) + (\text{Seg. pai} \times 15 \times .04).$$

Resolvendo a equação, obtêm-se o valor do grau de transferência do protesto de separação de $-.21 \times \text{Seg. pai}$.

Seguidamente, substitui-se o valor da idade por 20 anos, tomando a equação neste caso a seguinte forma:

$$PrS = 53.05 + (20 \times -1.51) + (\text{Seg. pai} \times -.81) + (\text{Seg. pai} \times 20 \times .04)$$

e o valor do efeito da segurança da vinculação ao pai sobre a transferência do protesto de separação é de $-.001 \times \text{Seg. pai}$.

Finalmente, substitui-se a idade por 24,

$$PrS = 53.05 + (24 \times -1.51) + (\text{Seg. pai} \times -.81) + (\text{Seg. pai} \times 24 \times .040),$$

sendo que o valor do protesto de separação é de $.15 \times \text{Seg. pai}$.

Deste modo, é possível verificar que aos 15 anos de idade, o valor da segurança da vinculação ao pai para a previsão da transferência do protesto de separação é negativo, o que demonstra que quando é percebida uma menor segurança de vinculação com o pai, a função de vinculação protesto de separação, variável dependente, é mais

transferida para os pares. Aos 20 anos, o valor do coeficiente aproxima-se de 0, demonstrando que a segurança da vinculação ao pai tem pouca influência para a transferência desta função vinculatória. Aos 24 anos, verifica-se que a variável assume o valor é de .15 x Seg. pai, que é um valor positivo, o que significa que nesta idade quando existe segurança da vinculação ao pai, é realizada em maior grau a transferência desta função vinculatória.

Quadro 9 – Coeficientes de regressão para o componente procura de proximidade para a totalidade da amostra

	<i>B</i>	<i>t</i>	Sig.
Idade	.33	1.13	.26
Segurança Mãe	.10	1.84	.07
Segurança Pai	-.09	-2.07	.04*

* $p < .05$, ** $p < .01$

Tal como é possível constatar pelo Quadro 9, o coeficiente que assume um efeito significativo na previsão do componente procura de proximidade é a vinculação com o pai, embora a vinculação com a mãe esteja próxima da significância estatística.

Foram também efectuadas as regressões separadamente para o grupo das raparigas e dos rapazes, à semelhança do que tinha sido feito para as correlações.

Quadro 10 – Modelos de regressão para cada uma das funções vinculatórias nas raparigas

	Efeitos Principais				Interacções			
	ΔR^2	<i>F</i>	ΔR^2	Sig	ΔR^2	<i>F</i>	ΔR^2	Sig
Procura Prox.	.03	.57	.64		.05	1.62	.20	
Porto Abrigo	.16	3.49	.02*		.005	.15	.86	
Protesto Sep.	.06	1.16	.33		.07	2.08	.13	
Base Segura	.11	2.39	.08		.01	.37	.69	

* $p < .05$, ** $p < .01$

Conforme é possível constatar pelo Quadro 10, o modelo de regressão dos efeitos principais para prever o porto de abrigo, tendo como preditores a vinculação ao pai, a vinculação à mãe e a idade é significativo. Contudo, é possível constatar na previsão da função de vinculação protesto de separação, na regressão que inclui as interações, um valor $p = .13$, pelo que se torna novamente relevante a análise dos coeficientes de regressão (Quadro 12), dado que este mesmo resultado já se tinha mostrado significativo na análise para a globalidade da amostra. Para além do protesto de separação, é de assinalar que a base segura apresenta um valor próximo da significância estatística para o primeiro modelo de regressão, sendo também pertinente a análise dos seus coeficientes (Quadro 13).

Quadro 11 – Coeficientes do primeiro modelo de regressão para o porto de abrigo na sub-amostra das raparigas

	<i>B</i>	<i>t</i>	Sig.
Idade	-.19	-.66	.51
Segurança Mãe	-.06	-.97	.34
Segurança Pai	-.08	-1.71	.09

* $p < .05$, ** $p < .01$

Analisando o Quadro 11, é possível constatar que nenhum coeficiente deste primeiro modelo de regressão, tendo como preditores a idade, a segurança da vinculação à mãe e a segurança da vinculação ao pai, atinge a significância estatística, embora o valor da segurança da vinculação ao pai se aproxime, com um sinal negativo, tal como já tinha sido encontrado para as correlações.

Quadro 12 – Coeficientes de regressão na previsão da função de vinculação protesto de separação na sub-amostra das raparigas

	<i>B</i>	<i>t</i>	Sig.
Idade	-2.31	-1.03	,31
Segurança Mãe	,20	.48	,63
Segurança Pai	,78	-2.12	,04*
Id. X Segur. Mãe	-.01	-.50	,62
Id. X Segur. Pai	,04	1,98	,05

* $p < .05$, ** $p < .01$

Seguidamente, ao analisar o Quadro 12, é possível verificar que o valor do coeficiente *B* da variável de interação entre a idade e a vinculação ao pai é o mesmo que o apresentado para a globalidade da amostra, pelo que não se considerou necessário a realização de uma nova equação para obter esta variável dependente, sendo que se prevê que o valor do protesto de separação seja semelhante ao obtido para a globalidade da amostra.

Quadro 13 – Coeficientes do primeiro modelo de regressão para a base segura

	<i>B</i>	<i>t</i>	Sig.
Idade	-.21	-.60	.55
Segurança Mãe	-.06	-.85	.40
Segurança Pai	-.07	-1.34	.18

* $p < .05$, ** $p < .01$

Analisando o primeiro modelo de regressão da base segura para a sub-amostra das raparigas, verifica-se que não existe nenhum coeficiente estatisticamente significativo.

Quadro 14 – Regressões para os quatro componentes no grupo dos rapazes

	Efeitos Principais			Interacções		
	ΔR^2	$F \Delta R^2$	$Sig \Delta R^2$	ΔR^2	$F \Delta R^2$	$Sig \Delta R^2$
Procura Prox.	.15	2.15	.11	.002	.05	.95
Porto Abrigo	.08	.98	.41	.04	.69	.51
Protesto Sep.	.24	3.70	.02*	.01	.26	.77
Base Segura	.18	2.76	.06	.04	.84	.44

* $p < .05$, ** $p < .01$

Pelo Quadro 14, é possível aferir que, para a previsão da função vinculatória protesto de separação, o primeiro modelo de regressão, que coloca como preditores a segurança da vinculação à mãe, a segurança da vinculação ao pai e a idade atinge significância estatística. Por isso, realizou-se a análise deste modelo de regressão ao nível dos seus componentes, tal como é ilustrado pelo Quadro 15.

Quadro 15 – Coeficientes de regressão para a previsão do componente protesto de separação nos rapazes

	B	t	Sig.
Idade	1.39	3.09	.004
Segurança Mãe	.09	1.06	.29
Segurança Pai	-.139	-1.96	.06

* $p < .05$, ** $p < .01$

Tal como se pode apurar, apenas o coeficiente relativo à idade apresenta significância estatística $p = .004$, demonstrando que nos rapazes a idade parece assumir a maior influência na transferência deste componente vinculatório, apesar de a segurança da vinculação ao pai também se aproximar da significância e com sinal negativo, tal como já tinha sido encontrado em algumas análises para as raparigas.

5 - Discussão

O propósito deste estudo consistiu em avaliar de que forma as diferentes funções de vinculação são transferidas das figuras de vinculação da infância (os pais) para os parceiros recíprocos na adolescência (amigos ou companheiros amorosos), sendo que se pretendia investigar a relação entre os níveis de segurança com as figuras primárias de vinculação e a transferência das funções vinculatórias para outras figuras, namorado ou melhor amigo, estando previsto uma maior transferência destas funções para o namorado. Mais particularmente, esta investigação tinha como hipótese averiguar o efeito da vinculação com o pai na transferência do componente procura de proximidade e o efeito da vinculação com a mãe na transferência do componente base segura, último componente a ser transferido de acordo com a literatura (e. g. Hazan & Zeifman, 1994) e, deste modo, na formação de completos laços vinculatórios.

Assim, no que se refere à primeira hipótese, que os componentes de vinculação são transferidos ao longo do tempo, apresentando os adolescentes mais velhos e jovens adultos uma maior transferência em comparação aos adolescentes mais jovens, esta foi confirmada apenas para o sexo masculino, com a excepção do porto de abrigo. Estes resultados confirmam dados encontrados por Friedlmeier e Granqvist (2006), que verificaram que adolescentes avaliados numa segunda fase de um estudo longitudinal e portanto com uma idade mais avançada, demonstravam uma maior transferência dos componentes vinculatórios para os pares. Na verdade, os adolescentes mais velhos e jovens adultos já se encontram numa fase do desenvolvimento onde já tiveram oportunidade de explorar o seu meio social e de começarem a estabelecer laços vinculatórios com os pares, estando portanto numa fase mais “avançada” do processo de transferência. Conversamente, os adolescentes mais novos, que estão numa fase inicial da construção da sua identidade e procura da sua autonomia, apresentam as suas funções vinculatórias ainda muito direccionadas para os pais, não tendo até então desenvolvido relações sólidas com os pares, para as quais pudessem dirigir importantes funções vinculatórias. Também Fraley e Davis (1997) concluíram que a transferência dos componentes vinculatórios aumentava em função da duração das relações estabelecidas com os pares.

Todavia, é de notar que não existe uma correlação entre a idade e a transferência dos componentes vinculatórios para a amostra feminina, o que efectivamente vai contra a hipótese enunciada. Assim, é possível pensar que, para os rapazes, a idade parece ser

um factor determinante na transferência das funções vinculatórias, sendo que para as raparigas a idade aparenta não assumir uma grande relevância.

No tocante à segunda hipótese deste estudo, que refere que as funções de vinculação são transferidas segundo um processo componente a componente, pela ordem proposta no modelo de Hazan e Zeifman (1994) - procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura - esta não foi confirmada. De facto, para a totalidade da amostra, o componente de vinculação mais transferido foi a procura de proximidade (75% dos sujeitos direccionaram esta função para os pares), seguido do porto de abrigo (70% dirigiram-no para os pares) e depois pela base segura (66%) e finalmente pelo protesto de separação (apenas 38% transferiu esta função vinculatória para os pares). Assim, é possível considerar que a transferência dos componentes das figuras primárias de vinculação da infância para as relações recíprocas da adolescência, é um processo mais complexo do que o inicialmente previsto, podendo não ocorrer pela sequência de componentes proposta por Hazan e Zeifman (1994). Na verdade, os resultados desta investigação indicam que a vinculação começa com a procura de proximidade, seguida pelo porto de abrigo e base segura e culmina com o protesto de separação. De facto, o protesto de separação é a última função vinculatória a ser transferida para os pares, sendo que a base segura parece estar muito próxima do porto de abrigo no *timing* da transferência.

Neste estudo, a maioria dos adolescentes e jovens adultos são mais orientados para os pares em relação ao componente procura de proximidade, preferindo passar o seu tempo na companhia dos amigos e namorados, algo que já tinha sido encontrado por Hazan e Zeifman (1994, 1999), Friedlmeier e Granqvist (2006), Fraley e Davis (1997) que verificaram que os pares constituíam os alvos preferenciais de procura de proximidade. No que diz respeito ao porto de abrigo, 70% dos sujeitos apresentavam um índice de transferência deste componente, que constitui também um valor elevado. Estes dados estão em acordo com Marckiewicz et. al (2006), que aferiu que os amigos eram mais usados como porto de abrigo. É possível pensar que, tal como referiram Hazan e Zeifman (1994), os comportamentos de procura de proximidade e porto de abrigo constituem uma questão de conveniência. Na verdade, assim que se entra no sistema escolar e começa-se a passar a maior parte do tempo com os pares, estes tornam-se não apenas os alvos preferidos dos comportamentos de procura de proximidade, mas também fontes convenientes de apoio e suporte emocional, sendo por isso normativo que os adolescentes mais jovens apresentem estas funções vinculatórias

muito direccionadas para os pares. À medida que vão progredindo no seu desenvolvimento, começam a seleccionar os pares com quem querem efectivamente estabelecer uma relação de vinculação, convergindo para estes as funções de base segura e protesto de separação, isto é, os verdadeiros “marcadores” de completos laços vinculatorios. Por isso, nos adolescentes mais velhos e jovens adultos, nota-se uma convergência mais elevada das funções vinculatorias base segura e protesto de separação (no grupo dos sujeitos com mais de 23 anos verifica-se 71.4% da base segura transferida para os pares e 50% do protesto de separação), algo que para estes sujeitos é normativo, uma vez que estão numa fase mais “avançada” do seu desenvolvimento, não estando tão dependentes emocionalmente das figuras de vinculação primárias da infância e onde recorrem a figuras extra-familiares na busca de conforto e segurança.

No que diz respeito à terceira hipótese deste estudo, que os adolescentes envolvidos em relações românticas apresentam as funções vinculatorias mais transferidas do que aqueles que não estão envolvidos, esta foi efectivamente corroborada. De facto, verifica-se que todos os componentes de vinculação se encontram mais transferidos nos sujeitos com namorado, representando assim o estatuto relacional uma importante condição para a amplitude de transferência que ocorre dos pais para os pares. Estes resultados apoiam e fortalecem os resultados encontrados por outros autores como Hazan e Zeifman (1994), Friedlmeier e Granqvist (2006), Trinke e Bartholomew, (1997). Na verdade, os parceiros românticos, devido às suas características relacionais mais exclusivas, constituem as figuras que substituem os cuidadores primários da infância como fontes de apoio e segurança emocional. Segundo Hazan e Zeifman (1999), os envolvidos em relações românticas tendem a nomear o parceiro amoroso como a pessoa cuja ausência causava maior stress e cuja presença servia como uma base de segurança. A proximidade física e o contacto íntimo, que nos adultos toma a forma de contacto sexual, e os sentimentos de segurança que proporcionam, constituem facilitadores para o desenvolvimento de uma completa relação de vinculação preconizada por Bowlby (1969).

Relativamente à hipótese que postula que uma boa vinculação à mãe está associada com a transferência da função vinculatoria “marcadora” de uma relação de vinculação (a base segura, segundo o modelo de Hazan e Zeifman, 1994) nos adolescentes mais velhos e jovens adultos, esta não foi corroborada. Primeiramente, pela correlação de Pearson efectuada para a totalidade da amostra, verificaram-se correlações estatisticamente não significativas entre a vinculação à mãe e a transferência dos quatro

componentes, sendo que a correlação entre o porto de abrigo, base segura e protesto de separação foi negativa (tendo sido significativa entre as raparigas os valores das correlações relativas ao porto de abrigo e base segura), o que contraria a hipótese exposta. Seguidamente, pelas análises de regressão efectuadas, foi possível constatar que a vinculação à mãe não exerce nenhum efeito significativo na transferência das funções vinculatórias, embora se tenha notado uma influência negativa, não significativa da segurança da vinculação à mãe na transferência das funções que marcam o estabelecimento de uma relação de vinculação, que segundo este estudo parece ser o protesto de separação. Os resultados parecem indicar que a mãe não exerce uma influência tão forte na formação das relações recíprocas da adolescência e vida adulta, ao contrário da investigação desenvolvida por Friedlmeier e Granqvist, (2006) onde verificaram que a história de vinculação com a mãe, e não com o pai prevê significativamente a transferência para os pares. Estes resultados contrariam igualmente o meu estudo anterior (Calado & Carvalho, 2007) em que, nos adolescentes mais velhos, uma vinculação segura à mãe estava significativamente correlacionada com a proximidade aos amigos.

Na verdade, estes efeitos encontrados para a mãe não estão de acordo com a suposição que preconiza a sua importância no desenvolvimento sócio-emocional dos filhos. Contudo, é de assinalar a tendência significativa, entre as raparigas, de uma boa vinculação à mãe (e ao pai) estar negativamente correlacionada com a transferência dos componentes vinculatórios para os pares, o que pode estar ligado com a hipótese compensatória referida na literatura (Friedlmeier & Granqvist, 2006; Hazan & Zeifman, 1994, Markiewicz, 2006). Segundo esta hipótese, as adolescentes com uma vinculação insegura à mãe realizam uma acentuada e até prematura transferência das funções vinculatórias para os pares, sendo que é possível especular que essa transferência poderá não ser desejável, nomeadamente nos adolescentes mais jovens, que estão ainda numa fase do desenvolvimento onde é adaptativo as funções vinculatórias estarem direccionadas para os pais.

Finalmente, no que diz respeito à hipótese de que uma boa vinculação ao pai estaria associada com a transferência dos componentes iniciais de vinculação, esta não foi confirmada. De facto, verificou-se que a segurança da vinculação ao pai apresenta uma correlação negativa significativa com a transferência das funções porto de abrigo, protesto de separação e base segura, notando-se igualmente uma correlação negativa não significativa com a primeira função a ser dirigida para os pares, isto é, a procura de

proximidade, o que não está de acordo com o previsto. Além disso, através da análise de regressão colocando primeiramente como preditores a idade, a vinculação com o pai e a vinculação com a mãe, verifica-se um valor próximo da significância estatística na previsão do componente protesto de separação. Analisando a regressão, verifica-se que apenas a vinculação com o pai e não com a mãe apresenta uma influência significativa. Seguidamente, pelo segundo modelo de regressão, colocando como preditores as novas variáveis de interação entre a vinculação ao pai e à mãe com a idade, apenas a interação entre a vinculação ao pai e a idade permite prever quase significativamente a transferência do componente protesto de separação, algo que não sucede com os outros componentes. Estes resultados, que parecem indicar que o pai tem uma maior influência na transferência das funções vinculatórias para as relações recíprocas da adolescência, constituem uma novidade, tanto à luz da literatura sobre a transferência dos componentes de vinculação na adolescência, como à luz da teoria psicanalítica que preconiza que a relação estabelecida com a mãe, ao ser a primeira a ser formada pelo indivíduo, permite a interiorização de um modelo relacional que vai determinar, mais tarde, as relações com os outros, nomeadamente do parceiro amoroso. Também outros autores referem uma associação forte entre a vinculação com a mãe e a aceitação social e popularidade com os pares (Cassidy, 1999), a qualidade das relações românticas (Penagos et al, 2006), bem como o reconhecimento e manejo adequado de emoções essenciais ao estabelecimento de contactos sociais (Steele et. al, 1999).

Assim, o pai parece desempenhar um papel determinante no desenvolvimento social dos seus filhos, fornecendo uma contribuição importante na transferência da função vinculatória protesto de separação que, segundo este estudo, parece constituir o melhor indicador de que uma relação de vinculação está formada, influenciando desta forma a formação de relações fora do contexto familiar. É de notar que a influência paterna na deslocação deste componente para os pares sofre um ponto de viragem aos 20 anos, revelando que antes desta idade a vinculação ao pai exerce um efeito negativo, ou seja, está associada a uma diminuta transferência deste componente para os pares (ver discussão acima, acerca da hipótese de compensação). Assim, nestas idades, o pai parece promover uma maior proximidade relativamente às figuras familiares, evitando uma aproximação precoce e consequentemente uma transferência imatura dos comportamentos vinculatórios para os amigos. Por outro lado, depois da faixa etária dos 20 anos, onde os sujeitos se encontram no final da adolescência ou recém-chegados à vida adulta, uma vinculação segura ao pai favorece uma reorientação dos componentes

de vinculação para outras figuras, nomeadamente o parceiro amoroso, que passa a assumir um estatuto proeminente na hierarquia de vinculação, substituindo os pais como fontes primárias de suporte emocional (Trinke & Bartholomew, 1997).

É de assinalar, no entanto, que os resultados revelaram igualmente que é sobretudo para o sexo feminino que existe um efeito significativo da vinculação com o pai e mãe na transferência das funções vinculatórias, ao contrário dos rapazes que não parecem sofrer tanto a influência das relações que estabelecem com as figuras primárias de vinculação da infância. De facto, nos rapazes apenas a idade aparenta ser um factor determinante na formação das relações recíprocas da adolescência e vida adulta. Nas raparigas, a idade parece não constituir um factor fundamental na transferência das funções vinculatórias para os pares, aparentando ser mais importante uma boa vinculação com os cuidadores primários, nomeadamente com o progenitor do sexo masculino. Este dado constitui também uma novidade à luz da literatura sobre transferência dos componentes de vinculação, que não referem estas diferenças relativamente à influência da vinculação com as figuras primárias para os dois sexos, pelo que se torna pertinente a realização de outros estudos que aprofundem esta temática.

Para além do que já foi referido, estes resultados são também consistentes com o modelo evolutivo de estratégias reprodutivas (Kanazawa, 2001; Belsky, Steinberg & Draper, 1991). Segundo este modelo, o grau de adversidade familiar percebido, muitas vezes, devido à ausência do pai ou da falta de investimento paternal, irá moldar as orientações para a formação de pares e escolha do parceiro amoroso, isto é, vai condicionar a estratégia reprodutiva que o adolescente vai seguir. De acordo com estes autores, a ausência do pai ou a fraca qualidade deste investimento constitui um indicador de que as relações de pares são pouco duradouras e imprevisíveis e, como resultado os adolescentes vão experimentar uma puberdade precoce, acelerar o início da sua actividade sexual e ter uma variedade de parceiros, sem nunca desenvolverem relacionamentos sólidos e estáveis. De facto, estes adolescentes orientados numa estratégia reprodutiva a curto-prazo, irão aprender implícita ou explicitamente a perceber as relações como oportunistas e com a finalidade de servirem os seus interesses. Por isso, para estes indivíduos é adaptativa uma estratégia reprodutiva oportunista, em oposição a uma estratégia de formação de laços estáveis, caracterizados pela partilha e recompensa mútua. Os resultados desta investigação demonstram que os adolescentes, sobretudo os mais jovens, transferem os componentes vinculatórios no

sentido inverso ao valor da segurança de vinculação ao pai, o que parece indicar que os sujeitos só deslocam as funções vinculatórias para os pares, de uma forma precoce e indiscriminada, se aprenderam dentro do seu contexto familiar que as relações próximas são instáveis e com um investimento limitado nos seus membros, conduzindo a um envolvimento prematuro com os pares. Todavia, se os sujeitos são oriundos de um meio familiar caracterizado pela presença do pai, assimilaram um modelo diferente do mundo interpessoal, constituído por laços reciprocamente duradouros e reconfortantes, ingressando numa estratégia reprodutiva mais selectiva, sendo que vão por isso antecipar experiências relacionais transferindo apenas os componentes vinculatórios, nomeadamente o protesto de separação, numa idade mais avançada, que parece ser a partir dos 20 anos.

Não obstante tudo o que foi exposto, há que ter em conta que este estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, no tocante ao instrumento usado para medir o grau de transferência dos componentes de vinculação, o QITCV, não se pode esquecer que foi construído propositadamente para esta investigação. Por isso, para avaliar a fiabilidade do QITCV e para que possa ser usado em futuras investigações, torna-se necessário a realização de um teste – reteste que, devido a constrangimentos temporais não foi possível realizar no presente trabalho. Todavia, nalguns locais onde foram recrutados os sujeitos, foram tomadas providências, com o intuito de não se perder o contacto de alguns participantes, para virem a ser seguidos para o teste – reteste. Além disso, o facto da transferência das funções de vinculação não sofrer um aumento marcado com a idade pode levantar algumas dúvidas sobre a validade do instrumento, sendo por isso relevante uma melhor análise do mesmo em investigações futuras.

Outra limitação deste estudo diz respeito ao tamanho reduzido da amostra, nomeadamente do diminuto número de jovens adultos, isto é, sujeitos com mais de 20 anos, que apenas constituem 28% da amostra. De facto, devido a alguns constrangimentos na recolha dos participantes, relacionados com o facto das instituições onde se concentram estes sujeitos apresentarem mais limitações para a aplicação de questionários, não foi possível obter uma quantidade tão elevada destes participantes, pelo que qualquer generalização dos resultados relativa a esta faixa etária deve ser feita com precaução. Neste sentido, em futuras investigações acerca desta temática e com o intuito de melhor compreender a influência da vinculação com os cuidadores primários da infância na formação de laços vinculatórios com os pares, algo que apenas se

encontra concluído no final da adolescência e início da vida adulta, seria importante investigar preferencialmente jovens adultos, ao invés de adolescentes.

Os resultados desta investigação que apoiam a suposição de que o pai apresenta uma influência maior do que a mãe para a formação das relações recíprocas da adolescência e vida adulta com os pares e, consequentemente no desenvolvimento normativo dos adolescentes, sobretudo no sexo feminino, apresentam importantes implicações para programas terapêuticos, políticas parentais, bem como mensagens sociais transmitidas aos pais. Desta forma, de acordo com os resultados obtidos, seria conveniente transmitir a mensagem, através dos meios adequados, de que os pais são figuras tão importantes como as mães para a saúde mental dos filhos, devendo por isso investir mais do seu tempo na vida das suas crianças. Além disso, seria também importante o desenvolvimento de políticas parentais que fomentassem a participação activa dos pais nos cuidados das suas crianças, bem como a criação de programas dirigidos aos pais com o propósito de aumentar a capacidade dos mesmos para interagirem com os seus filhos de uma forma adaptativa, a fim de desenvolverem bons modelos de vinculação, através do encorajamento de uma expressão emocional positiva, do desenvolvimento de estratégias adequadas de relacionamento e do aumento da consciência de interações desnecessariamente intrusivas. Também no contexto psicoterapêutico, seria fundamental apelar à participação do pai tanto na fase de diagnóstico como de intervenção, com o intuito de compreender os sintomas apresentados, bem como trabalhar a relação pai-filho que segundo os nossos dados, poderá constituir um factor importante na previsão do ajustamento psicológico na adolescência.

Em resumo, não obstante as referidas limitações metodológicas, este estudo procurou averiguar o efeito diferencial das vinculações materna e paterna, de acordo com as diferentes características destas duas relações, na maturação sócio – afectiva dos filhos, nomeadamente na transferência das funções vinculatórias para as figuras extra familiares. Esta investigação concluiu ser necessário ter em conta não apenas a vinculação estabelecida com a mãe, mas também a vinculação estabelecida com o pai naquela que segundo Penagos et. al. (2006) constitui a tarefa primordial da adolescência: o afastamento das figuras primárias de vinculação e formação de relações recíprocas com os pares, nomeadamente a construção de relações românticas. Neste sentido, este trabalho pode ser visto como um passo em direcção a um melhor conhecimento das dinâmicas do processo de transferência das funções vinculatórias para

outras figuras, concluindo que tal processo é complexo e que requer uma abordagem multimodal.

6 - Bibliografia

Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 319-332). New York: The Guilford Press.

Armsden, G. & Greenberg, M. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual Differences and Their Relationship to Psychological Well-being in Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 5, 427-454.

Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood Experience, Interpersonal Development and Reproductive Strategy: An Evolutionary Theory of Socialization. *Child Development*, 62, 647-670.

Bowlby, J. (1969). Attachment and Loss. Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.

Bronstein, P (1984) Differences in mothers' and fathers' behaviours towards children. A cross cultural comparison. *Developmental Psychology*, 20, 995-1003

Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. K. (2007). Parenting Predictors of Father-Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and Fathering Quality. *Fathering*, 5(3), 197-219.

Calado, F. & Carvalho, A (2007). *Vinculação Segura Vs Vinculação Insegura: a Transferência dos Componentes na Adolescência*. Trabalho apresentado no âmbito da cadeira de Investigação em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Cassidy, J. (1999). The Nature of the Child's Ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 3-17). New York: The Guilford Press.

Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young child. *Child Development*, 49, 466-478.

Cohen, J. (1978). Partial Products are Interactions; Partialled Powers are Curve Components. *Psychology Bulletin*, Vol. 36, 4, 858-866

Crowell, J. A. & Waters, E. (1994). Bowlby's Theory Grown Up: The Role of Attachment in Adult Love Relationships. *Psychology Inquiry*, 5, 31-34.

Dickson, K. L., Walker, H., & Fogel, A. (1997). The Relationship Between Smile Type and Play Type During Parent Infant Play. *Developmental Psychology*, 33(6), 925-933.

Fraley, R. Chris; Davis, Keith E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4(2), 131-144.

Frascarolo, F. (2004). Paternal Involvement in Child Caregiving and Infant Sociability. *Infant Mental Health Journal*, 25(6), 509-521.

Friedlmeier, W. & Granqvist, P. (2006). Attachment transfer among Swedish and German adolescents: A prospective longitudinal study. *Personal Relationships*, 13, 261-279.

Grossmann, K., & Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmerman, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11(3), 307-331.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. *Advances in Personal Relationships*, 5, 151-177.

Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair Bonds as Attachments. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 336-352). New York: The Guilford Press.

Justo, J. (2000). Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, Vol 2, 2

Kanazawa, S. (2001). Why father absence precipitate early menarche. The role of polygyny. *Evolution and Human Behavior*, 22, 329-334.

Kobak, R. (1999). The Emotional Dynamics of Disruptions in Attachment Relationships: Implications for Theory, Research and Clinical Intervention. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 21-43). New York: The Guilford Press.

Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C. P., & Frodi, A. M. (1983). Effects of paternal involvement on infant preferences for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458.

Lamb, M. E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266

Larose, S., & Boivin, M. (1998). Attachment to Parents, Social Support Expectations and Socioemotional Adjustment During the High School-College Transition. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 1-27.

Madigan, S.; Bakermans-Kranenburg, M. J., Van Ijzendoorn, M. H., Moran, G., Pederson, D. R., & Benoit, D. (2006). Unresolved states of mind, anomalous parental behaviour and disorganized attachment: A review of and meta-analysis of a transmission gap. *Attachment and Human Development*, 8(2), 89-111

Magill-Evans, J., & Harrison, M. J. (2001). Parent-child Interactions, Parenting Stress and Developmental Outcomes at 4 years. *Children's Health Care*, 30(2), 135-150.

Mandara, J., & Murray, C. B. (2006). Fathers' Absence and African American Adolescent Drug Use. *Journal of Divorce and Remarriage*, 46, 1-12.

Markiewick, D., Lawford, H., Doyle, A. B., Hoggart, N. (2006). Developmental Differences in Adolescents' and Young Adults' use of Mothers, Fathers, Best Friends and Romantic Partners to Fulfill Attachment Needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(1), 121-134.

Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.

McClelland, G. H., & Judd, C. M. (1993). Statistical difficulties of detecting interactions and moderator effects. *Psychological Bulletin*, 114, 376-390.

Nickerson, A., & Nagle, R. J. (2005). Parent and Peer Attachment in Late Childhood and Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 223-249

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.

Penagos, A., Rodríguez, M., Carrillo, S., & Castro, J. (2006). Apego, relaciones românticas y autoconcepto en adolescentes bogotanos. *Univ. Psychol. Bogotá*, 5(1), 21-36.

Parke, K. A., & Waters, E. (1989). Security of attachment and preschool friendships. *Child Development*, 60, 1076-1081.

Russell, G., & Russell, A. (1987). Mother-child and Father-Child Relationships in Middle Childhood. *Child Development*, 58, 1573-1585.

Steele, H., Steele, M., Croft, C. & Fonagy, P. (1999). Infant-Mother Attachment at One Year Predicts Children's Understanding of Mixed Emotions at Six Years. *Social Development*, 8, 161-178

Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing Fathers' Roles: Playmates and More. *Human Development*, 47, 220-227.

Trinke, S. & Bartholomew, K. (1997). Attachment hierarchies in young adults. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 603-625.

Van Ijzendoorn, M. & de Wolff, M. S. (1997). In search of the absent father – Metaanalysis of infant-father attachment: A rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.

Vandell, D. (1979). A Microanalyses of Toddlers' Social Interaction with Mothers and Fathers. *The Journal of Genetic Psychology*, 134(2), 299-312.

Verschueren, K. & Marcoen, A. (2005). Perceived Security of Attachment to Mother and Father. Developmental Differences and Relations to Self-Worth and Peer Relationships at School. In K. Kerns & R. Richardson (Eds.), *Attachment in Middle Childhood* (pp. 212-228). New York: The Guilford Press.

